

**oficina de música para crianças e adolescentes, clínica ético-política e formação:
relatos de experiências discentes**

stephan malta oliveira¹
universidade federal fluminense, niterói, brasil
orcid id: 0000-0002-9806-9844
lissa leonor chaves carvalho²
universidade federal fluminense, niterói, brasil
orcid id: 0000-0003-4823-4298
danielle fernanda da silva³
universidade federal fluminense, niterói, brasil
orcid id: 0000-0002-5021-5451
ana carolina de freitas melo⁴
universidade federal fluminense, niterói, brasil
orcid id: 0009-0007-9038-0033
lucas pereira jacques⁵
universidade federal fluminense, niterói, brasil
orcid id: 0009-0008-0114-5072
anna beatriz justen dos santos⁶
universidade federal fluminense, niterói, brasil
orcid id: 0009-0000-3835-2480

resumo

Buscamos, com o presente artigo, investigar o impacto da práxis de um Projeto de Extensão Universitária, que consiste em oficinas de música para crianças e adolescentes com o que designamos autismo ou outras neurodivergências, sobre a formação discente, levando em consideração as dimensões clínica e ético-política da ação extensionista. Dividimos a metodologia em duas partes: a primeira corresponde à revisão bibliográfica tipo narrativa, por meio da qual abordamos textos da fenomenologia da vida e das éticas da alteridade, comunitária e da libertação; a segunda parte diz respeito aos relatos de experiência feitos pelas/os discentes participantes do Projeto e coautoras/es do presente artigo. Os/as discentes responderam a questões relacionadas a dois eixos temáticos construídos *a priori*: o impacto da Oficina de Música sobre sua formação e a percepção sobre as dimensões clínica e ética do Projeto. Avaliamos as narrativas por meio da análise de conteúdo, a partir da qual construímos as seguintes categorias de análise: impacto transformador da práxis da Oficina; e modelo biomédico e pensamento crítico, referentes ao eixo 1; arte, acolhimento e potencial terapêutico; pessoas que não cabem em um diagnóstico; e uma clínica ético-política, referentes ao eixo 2. Concluimos que a ação extensionista tem tido um impacto positivo sobre a formação discente, contribuindo para uma clínica estética, ética e política não normalizadora, que possibilita a liberação das forças da vida, a afirmação da vida em sua multiplicidade, sobretudo daquelas pessoas

¹ E-mail: stephanmoliveira@gmail.com

² E-mail: carvalholissa@id.uff.br

³ E-mail: d_silva@id.uff.br

⁴ E-mail: anacarolinamelo@id.uff.br

⁵ E-mail: lucaspereirajacques@id.uff.br

⁶ E-mail: anna_justen@id.uff.br



que tiveram e continuam tendo suas vidas negadas e invisibilizadas pelo sistema de produção (econômico e discursivo) dominante.

palavras-chave: oficina de música; infância e adolescência; autismo e outras neurodivergências; formação discente; clínica ético-política.

**music workshop for children and adolescents, ethical-political clinic and training:
reports of student experiences**

abstract

With this article, we seek to investigate the impact of the praxis of a University Extension Project, which consists of a series of music workshops for children and adolescents with what we call autism or other neurodivergences. Within the student training, we took into account the clinical and ethical dimensions of the extension action. We divided the methodology into two parts: the first corresponds to the narrative-type bibliographic review, through which we approach texts on the phenomenology of life and the ethics of alterity, community and liberation; the second part concerns the experiential reports made by the students participating in the Project and co-authors of this article. The students answered questions related to the two thematic axes constructed *a priori*: the impact of the Music Workshop on their training and their perception of the clinical and ethical dimensions of the Project. We evaluated the narratives through content analysis, from which we constructed the following categories of analysis: transformative impact of the Workshop's praxis; and biomedical model and critical thinking. Referring to axis 1: art, embracement and therapeutic potential; people who do not fit a diagnosis; and an ethical-political clinic, referring to axis 2. We conclude that extension action has had a positive impact on student training, contributing to a non-normalizing aesthetic, ethical and political clinic, which enables the release of life forces, affirmation of life in its multiplicity, and above all, of those people who have had and continue to have their lives denied and invisibilized by the dominant production system (economic and discursive).

keywords: music workshop; childhood and adolescence; autism and other neurodivergences; student training; ethical-political clinic.

**taller de música para niños y adolescentes, clínica ético-política y formación: informes
de experiencias estudiantiles**

resumen

Con este artículo buscamos investigar el impacto de la praxis de un Proyecto de Extensión Universitaria, que consiste en talleres de música para niños y adolescentes con lo que llamamos autismo u otras neurodivergencias, en la formación de los estudiantes, teniendo en cuenta las dimensiones clínica y ético-política de acción de extensión. Dividimos la metodología en dos partes: la primera corresponde a la revisión bibliográfica de tipo narrativo, a través de la cual nos acercamos a textos sobre la fenomenología de la vida y la ética de la alteridad, ética comunitaria y de la liberación; la segunda parte se refiere a los relatos de experiencia realizados por los estudiantes participantes del Proyecto y coautores de este artículo. Los estudiantes respondieron preguntas relacionadas con dos ejes temáticos construidos *a priori*: el impacto del Taller de Música en su formación y la percepción de las dimensiones clínica y ética del Proyecto. Evaluamos las narrativas a través del análisis de contenido, a partir del cual construimos las siguientes categorías de

oficina de música para crianças e adolescentes, clínica ético-política e formação: relatos de experiências discentes

análisis: impacto transformador de la praxis del Taller; y modelo biomédico y pensamiento crítico, referido al eje 1; arte, recepción y potencial terapéutico; personas que no encajan en un diagnóstico; y una clínica ético-política, referente al eje 2. Concluimos que la acción de extensión ha impactado positivamente en la formación de los estudiantes, contribuyendo a una clínica estética, ética y política no normalizadora, que posibilita la liberación de las fuerzas vitales, la afirmación de la vida en su multiplicidad, sobre todo, de aquellas personas a quienes el sistema de producción dominante (económico y discursivo) les ha negado y sigue viendo sus vidas negadas e invisibilizadas.

palabras-clave: taller de música; niñez y adolescencia; autismo y otras neurodivergencias; formación estudiantil; clínica ético-política.



oficina de música para crianças e adolescentes, clínica ético-política e formação:
relatos de experiências discentes

introdução

Abordaremos neste artigo um projeto de extensão realizado na Universidade Federal Fluminense desde 2017, intitulado Oficina de Música dialógica: autismo e outras neurodivergências. Trata-se de uma ação voltada para crianças e adolescentes que apresentam o que nossa sociedade designa como autismo, a partir do sistema psiquiátrico de classificação vigente, ou o que tem se designado por neurodivergências, que, segundo o paradigma da neurodiversidade, inclui, além do autismo, outras condições como os chamados transtornos de linguagem, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtornos de aprendizagem e deficiência intelectual.

O Projeto possui três dimensões: clínica, ético-política e formativa. A primeira consiste nos efeitos clínicos da ação extensionista sobre os pacientes, sobretudo com relação à facilitação da expressividade emocional dos/as participantes, à construção de vínculos significativos e à comunicação. A segunda se refere à valorização da diferença/diversidade humana, à construção de relações éticas humanizadoras, que transcendem a dimensão meramente clínica e à crítica ao fato de que as pessoas com autismo ou outras deficiências⁷ tiveram historicamente suas vidas e humanidade negadas pelo sistema dominante (de produção econômica, de saber e poder) desde a modernidade. A terceira, por sua vez, diz respeito ao impacto da ação sobre a formação dos/as estagiários/as discentes que participam do Projeto.

Nesse sentido, buscamos, com o presente artigo, investigar o impacto da práxis da Oficina de Música, considerando suas dimensões clínica e ético-política, sobre a formação discente. Entendemos por práxis a articulação entre a prática da Oficina e os referenciais teóricos que a fundamentam, os quais são trabalhados e

⁷ Entendemos a noção de deficiência a partir da definição atualmente válida no contexto brasileiro, oriunda da Convenção de Nova York (CDPD, 2007/2014) e inspirada pelo modelo social, enquanto um conceito relacional e não individual, como visto no modelo médico. Deficiência, nesse sentido, está na relação entre uma pessoa com uma lesão ou uma limitação em uma ou mais áreas funcionais e uma sociedade excludente (Diniz, 2007), com suas barreiras sociais, sejam físicas ou atitudinais.

discutidos junto aos/às estagiários/as em encontros do Grupo de Estudos em Humanidades, Fenomenologia e Clínica (GEHFeC)⁸.

Dividimos a metodologia em duas partes: a primeira consiste em uma revisão bibliográfica tipo narrativa, na qual selecionamos textos dos principais referenciais teóricos que fundamentam o Projeto, a saber: textos da fenomenologia da vida, de Michel Henry (2009, 2012, 2012, 2015); da ética da alteridade, de Emmanuel Lévinas (1980, 1993, 2009, 2011); e textos das éticas comunitária e da libertação, de Enrique Dussel (1986, 2002), além de conteúdos de comentadores/as; a segunda parte da metodologia consiste em relatos de experiências de alguns dos/as estagiários/as participantes da ação extensionista, os/as quais são discentes de medicina e enfermagem da Universidade Federal Fluminense e coautores/as do presente trabalho.

Nesses relatos, os/as discentes responderam a dois principais eixos temáticos propostos: 1) Qual o impacto da práxis da Oficina de Música sobre sua formação acadêmica? De que forma a prática da Oficina e os novos referenciais teóricos trabalhados têm contribuído para sua visão sobre o autismo, outras neurodivergências e a deficiência em geral, bem como para sua formação? 2) Como percebem os possíveis benefícios e efeitos terapêuticos da ação extensionista sobre os/as pacientes participantes e como percebem a dimensão ético-política do Projeto? Os dados dos relatos foram analisados por todos/as os/as autores/as do trabalho por meio do método da análise de conteúdo, a partir do qual foi feita inicialmente uma leitura de todo o material escrito; posteriormente foram identificadas unidades de sentido (palavras, frases ou sentenças); em seguida, estas unidades de sentido foram agrupadas em categorias de análise, dentro de cada eixo temático proposto; por fim, as categorias foram interpretadas a partir dos referenciais teóricos do trabalho (Bardin, 2011).

A primeira parte do artigo será destinada a uma breve apresentação da Oficina de Música; a segunda parte irá tratar da fundamentação teórica do trabalho, onde inicialmente haverá uma breve apresentação da fenomenologia da

⁸ O GEHFeC compreende um grupo de pesquisa cadastrado junto ao CNPq voltado ao estudo de temáticas relacionadas às humanidades e à fenomenologia em interface com a clínica, cujo líder é o coordenador do Projeto de Extensão e autor 1 deste artigo.

vida e, posteriormente, das éticas da alteridade, comunitária e da libertação. Na terceira parte, apresentaremos os relatos de experiência elaborados pelos próprios discentes autores/as do trabalho, tecendo algumas discussões a partir dos referenciais abordados na fundamentação teórica. A última parte corresponderá às considerações finais.

oficina de música

O Projeto Oficina de Música dialógica: autismo e outras neurodivergências compreende duas oficinas de música, uma voltada para crianças e outra para adolescentes, que apresentam, como dito na linguagem corrente, autismo ou outras neurodivergências. Dizemos na linguagem corrente pois entendemos que estas são nomenclaturas construídas socialmente e datadas historicamente (Goodley, 2016; Mcguire, 2016). Autismo é uma construção conceitual do campo psiquiátrico, mais especificamente do que poderíamos denominar etnopsiquiatria⁹ ocidental (Gadit, 2003; Gaines, 1992), visto que a psiquiatria globalmente dominante é a psiquiatria estadunidense, criadora do Manual de Classificação e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) (APA, 2014), representada pela Associação Psiquiátrica Americana. Por outro lado, tomamos emprestado o termo “neurodivergências” do paradigma da neurodiversidade, que considera tanto o autismo quanto outras condições psiquiátricas – como os transtornos de linguagem, o TDAH, os transtornos de aprendizagem, a dislexia e a deficiência intelectual – enquanto diferenças e identidades, e não como doenças/patologias (Oliveira, 2023b; Ortega, 2008), resultantes de um funcionamento neuronal que diverge do funcionamento neuronal padrão ou normativo, que corresponderia ao que os ativistas dos movimentos sociais da neurodiversidade chamam de funcionamento neurotípico, ainda que não se saiba cientificamente o que seria um funcionamento neuronal típico e o que seria um funcionamento divergente ou atípico, não havendo algo como um cérebro normal a partir do qual todos os demais possam ser comparados (Armstrong, 2012).

⁹ Etnopsiquiatria é um conceito criado no contexto da antropologia médica por Georges Devereux e diz respeito às diversas formas de se compreender, classificar e abordar a aflição mental nas diferentes culturas (Gadit, 2003; Gaines, 1992).

O termo “dialogicidade”, presente no título do Projeto, corresponde à ênfase às interações dialógicas estabelecidas nas atividades da Oficina de Música, que inclui, além dos/as pacientes, seus familiares, oferecendo também suporte a estes. Outro princípio caro à ação extensionista é a interdisciplinaridade, considerando que desde a sua criação, em 2017, tivemos a participação de estagiárias/os e profissionais voluntárias/os de diferentes áreas do conhecimento, como a medicina, a psicologia, a enfermagem, a pedagogia, o serviço social e a educação física.

Ainda de acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária (Forproex, 2012), o Projeto se baseia: a) na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, no sentido de que há uma articulação da ação com o grupo de pesquisa GEHFeC, que perpassa tanto o processo de ensino-aprendizagem quanto a pesquisa; b) no impacto sobre a transformação social, no sentido não só da prestação de assistência a populações em situação de vulnerabilidade, mas também de promover a consciência crítica sobre questões relacionadas à deficiência e valorização da diversidade/diferença humana, o que se dá também por meio de rodas de conversa periodicamente realizadas com as responsáveis pelos/as pacientes; e c) no impacto sobre a formação discente, que representa o eixo central do presente trabalho.

A Oficina de Música se fundamenta na lógica da improvisação musical (Malloch; Trevarthen, 2009; Oliveira *et al.*, 2021; Oliveira, 2023b; Oliveira; Lampreia, 2017), isto é, no uso livre e improvisado dos instrumentos musicais por todas e todos participantes envolvidas/os, e na interação musical, que consiste em uma interação mediada pela expressão musical de cada participante. Os encontros ocorrem semanalmente, cada um com duração média de 50 minutos, nos quais são utilizados diversos instrumentos musicais. Geralmente, o coordenador da extensão (autor 1 do artigo) toca o violão juntamente com as estagiárias bolsistas (autoras 2 e 3) e os/as demais participantes se expressam por meio de outros instrumentos musicais, como chocalhos, pandeiros, xilofone, etc. Na oficina com crianças, cantamos músicas infantis e cantigas de roda; com os/as adolescentes, pop rock e música popular brasileira (MPB). Algumas crianças, quando solicitadas

e dentro das próprias possibilidades, escolhem músicas, outras ainda não conseguem escolher. Já dentre os adolescentes, todos escolhem ao menos uma canção durante a atividade, assim como seus familiares. Por sua vez, aqueles com maior dificuldade na verbalização conseguem escolher por meio da linguagem escrita, pois são alfabetizados – neste caso, apresentamos o título de aproximadamente oito músicas para que possam fazer a escolha.

Os principais objetivos da Oficina de Música se dividem de acordo com as três dimensões do Projeto: clínica, ético-política e formativa. Na dimensão clínica, buscamos não apenas facilitar a manifestação de habilidades comunicativas e socioemocionais, mas, sobretudo, facilitar a livre expressão emocional dos/as participantes, a expressão de sua subjetividade, de seu *pathos* originário – sofrimento e gozo –, a transformação, por meio de relações acolhedoras e da validação do modo de ser do outro, da angústia/sofrimento em fruição; facilitar a circulação da vida, bem como produzir vida, sentido e encontros. Trata-se de uma clínica que não visa a normalização e padronização dos corpos, isto é, sua adequação às normas vigentes, mas que busca romper com a produção moderna eurocêntrica do binômio normalidade/anormalidade (Luz Neto *et al.*, 2022).

Na dimensão ético-política, buscamos não apenas a valorização da diferença humana, por meio do reconhecimento da dignidade de cada pessoa participante do Projeto e da irreducibilidade de cada criança e adolescente à categoria diagnóstica, fazendo uso meramente pragmático do diagnóstico e entendendo que este é secundário e uma construção social, como também buscamos a afirmação da vida de pessoas que tiveram e têm historicamente suas vidas e humanidade negadas pelo sistema moderno/pós-moderno estadunidense-eurocêntrico vigente. Por fim, na dimensão formativa, buscamos desenvolver habilidades relacionais e empáticas nos/as discentes, bem como uma consciência crítica acerca do autismo, da deficiência e de outras condições psiquiátricas, as quais denominamos neurodivergências.

fundamentação teórica

fenomenologia da vida

A fenomenologia material ou fenomenologia da vida foi criada pelo filósofo francês Michel Henry, fazendo parte do que tem se denominado a nova fenomenologia francesa (Oliveira, 2023a). Henry (2015) propõe uma redução fenomenológica mais radical que Husserl, indo além da intencionalidade e chegando à afetividade, ao *pathos* – sofrimento e gozo – ou à autoafecção como o fenômeno mais originário do ser humano. Segundo o filósofo, a afetividade é anterior à intencionalidade, isto é, à emergência da consciência intencional husserliana e à conseqüente constituição dos objetos pelos atos da consciência; é anterior ao aparecimento do pensamento e, mesmo após o advento deste, permanece sendo o mais originário e fundamental do humano. Autoafecção diz respeito ao fato de a vida se provar, se afetar e se experimentar a si mesma, de forma imediata, em sua autorrevelação patética, não havendo a necessidade da mediação do pensamento, do cogito cartesiano (Henry, 2015; Oliveira, 2023a). É justamente a autoafecção originária, a carne enquanto corpo vivo, que possibilita a ipseidade, que somente o eu possa sentir o que sente; além disso, é o que possibilita ainda qualquer heteroafecção, uma vez que somente pode ser afetado pelo outro e pelo mundo ao redor um ser que se afeta a si mesmo, ou seja, um ser passível de afecção. Uma pedra, por exemplo, interage com o meio circundante, com o ar, com a água, o fogo, mas não se afeta por esses elementos, uma vez que não se afeta a si mesma, o que é propriedade dos seres vivos (Oliveira, 2023a).

Segundo Michel Henry (2015), há uma dupla manifestação da fenomenalidade: visível e invisível. A manifestação visível corresponde à objetividade, a tudo o que aparece no mundo e pode ser visto, enquanto a invisibilidade diz respeito à subjetividade, à autorrevelação patética da vida, à afetividade, e é justamente esta dimensão, segundo o filósofo, que condiciona e possibilita a manifestação e apreensão daquilo que se faz visível. No que tange à relação interpessoal, Henry (2009) a define como situada também na não-intencionalidade, enquanto intersubjetividade patética, que se dá a partir do *Fundo* comum a todos os vivos, da afetividade/sensibilidade, e não da



representação. Tal relação difere de uma que seja meramente inter-objetiva e representacional –, na qual há uma negação da subjetividade do outro (e de si mesmo/a). Desse modo, a alteridade é tomada como um objeto do pensamento, e não em sua realidade ontológica própria (Pereira, 2023), enquanto pessoa única, insubstituível, de valor intrínseco, imensurável e dignidade inalienável; é apenas uma degradação do encontro intersubjetivo verdadeiramente autêntico e significativo.

Henry (2018), no texto “Desenhar a música – teoria sobre a arte de Briesen”, afirma que a música é a arte por excelência, uma vez que não precisa de nenhum dado da exterioridade para sua manifestação, sendo a revelação direta da subjetividade, da invisibilidade da vida. Ao citar Schopenhauer, o filósofo francês afirma: “A música poderia existir mesmo se o universo não existisse” (Henry, 2012, p. 149). Além disto, Henry (2018) aponta que a infinidade de heteroafecções possíveis, que correspondem à infinidade das situações de vida possíveis, são traduzidas por um número limitado de tonalidades afetivas, derivadas das duas tonalidades afetivas básicas – sofrimento e fruição –, e que nossa história pode ser contada a partir destas tonalidades vivenciadas.

Nesse sentido, o autor prossegue afirmando que uma canção que toca a carne da pessoa, que a afeta profundamente, pode possibilitar a experiência da totalidade das tonalidades afetivas existentes, ou seja, toda uma vida em uma única canção. Outro aspecto importante destacado por Michel Henry com relação à música é que ela possibilita, além da expressão da subjetividade, do *pathos* originário, a manifestação do poder-ser da vida. No caso da Oficina de Música, o poder exercer e partilhar os dons recebidos na vida, os quais se manifestam na voz, no grito, no canto, nos movimentos, na dança.

Na obra *A barbárie*, Michel Henry (2012) tece uma crítica contundente à ciência moderna, de base galileana, que se estende a toda a sociedade moderna e contemporânea. Segundo o pensador francês, a despeito de todos os progressos obtidos, a ciência moderna - pelo fato de tomar por verdade apenas os aspectos físico-matemáticos da realidade, isto é, a dimensão objetiva, e por mera aparência e algo desprezível toda a dimensão subjetiva e patética, que constitui a própria

essência da vida, e por pretender constituir-se como um saber universal, aplicado a todos os campos do conhecimento - não apenas nega a vida, a subjetividade, aquilo que nos torna humanos, mas também suprime outras formas de saber, como aqueles vinculados à cultura e à vida, como a arte, a ética e a religiosidade. A ciência moderna, tal como a arte, a ética e a religião, também surge da vida, mas, ao negar aquilo que lhe é essencial, nega a própria vida, no que Henry (2012) denomina autonegação da vida. Eis a barbárie da objetivação, de se tomar por verdadeiro apenas aquilo que é quantificável, mensurável, e, conseqüentemente, de se excluir os fenômenos intrinsecamente relacionados ao sentido para a vida (ao sentir que a vida vale a pena ser vivida), como os fenômenos do amor, da arte/estética, das relações intersubjetivas significativas. A barbárie que suprime cada vez mais o sentir, o sofrer e o fruir intrínsecos ao viver: eis a barbárie do *ethos* moderno/contemporâneo, que nega inúmeras formas de vida¹⁰.

éticas da alteridade, comunitária e da libertação

Iniciaremos esta subseção com a ética da alteridade radical de Emmanuel Lévinas, para em seguida tecermos uma breve discussão sobre as éticas comunitária e da libertação, de Enrique Dussel. Lévinas foi um filósofo judeu, nascido na Lituânia e naturalizado francês, cujo aspecto central da obra representa uma crítica contundente à ontologia heideggeriana, ao conhecimento sobre o ser, base do pensamento filosófico ocidental. Como Lévinas (1980) afirma, toda a filosofia ocidental é uma egologia, ou seja, uma ênfase ao eu, ao ser, em detrimento da alteridade. Ao contrário, ele constrói sua filosofia enquanto ética da alteridade radical, que enfatiza o outro e concebe a ética como a filosofia primeira e não mais a ontologia. Ética para Lévinas não se refere a um conjunto de normas e regras que regulam determinada prática, mas diz respeito ao encontro face a face, à responsabilidade do um-para-o-outro (Lévinas, 1980, 1993).

O filósofo franco-lituano, assim como Henry, vai além da consciência intencional husserliana e chega à subjetividade sensível e vulnerável como o mais

¹⁰ Ao contrário da racionalidade europeia, que nega inúmeras formas de vida, a racionalidade dos povos originários, em geral, consiste em uma racionalidade que afirma todas as formas de vida, inclusive dos animais e até mesmo daquilo que a cultura eurocêntrica dominante não considera vivo, como os rios, os lagos e as montanhas (Krenak, 2020). Enfim, a natureza ou a Terra-Gaia.

originário do humano. Essa subjetividade é marcada pela sensibilidade-fruição, pela passividade, abertura e vulnerabilidade ao traumatismo que vem de outrem, refém de outrem e que se faz expiação e substituição por outrem (Lévinas, 2009, 2011). Tal subjetividade é ainda marcada pela não intencionalidade, sendo anterior e originária com relação ao sujeito reflexivo, assujeitada a outrem, responsável pela alteridade.

A responsabilidade em Lévinas é pré-originária, não no sentido sincrônico, mas diacrônico; embora emergja *a posteriori* no desenvolvimento, sempre esteve lá presente como uma inscrição, uma significação pré-originária, que antecede qualquer construção linguístico-cultural (Lévinas, 2009). É anterior, nesse sentido, à própria liberdade, à possibilidade de escolha, colocando o eu desde sempre em dívida com o outro, responsável pela responsabilidade e pela falta de outrem (Lévinas, 2011); responsabilidade que é a própria ética levinasiana, que se dá nos encontros face a face, via afetividade-sensibilidade, aquém e além de qualquer representação ou saber teórico.

Como afirma Lévinas (1980), o outro vem primeiro que o eu, tem primazia sobre o eu; o rosto do outro – inobjetivável –, em sua vulnerabilidade e nudez, carrega consigo o mandamento do “não-matarás”, em sua epifania, enquanto vestígio do *Infinito*, convocando/interpelando o eu à responsabilidade ilimitada; outrem em sua diferença radical, que não faz conjunto com o eu, separado do eu por uma distância intransponível, mas que se aproxima pela afetividade, na proximidade do próximo. No encontro face a face, o eu reconhece o outro em sua alteridade radical, isto é, em sua unicidade, incomparabilidade e irredutibilidade a qualquer representação, conceituação, irredutibilidade à lógica do eu, da mesmidade.

Deste modo,, como mostra Lévinas (1993), a abertura ao humano se dá justamente neste despertar da responsabilidade pré-originária, da subjetividade vulnerável e refém do outro (Oliveira, 2021); a autenticidade do eu não se dá de forma isolada, egocêntrica: “Ser em si é exprimir-se, quer dizer, servir já outrem. O fundo da expressão é a bondade” (Lévinas, 1980, p. 164). Em outra passagem, na obra *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*, Lévinas (1993) afirma que a

responsabilidade também pode ser nomeada como o amor (*ágape*), em que o eu é completamente descentrado ao voltar-se para a alteridade e sem retornar a si. No amor *eros*, o investimento no outro acaba retornando ao eu por meio do gozo: “O amor que se converte em gozo, enquanto que do *ágape* tenho uma visão mais grave, a partir da responsabilidade com relação ao outro” (Lévinas, 1993, p. 139). Lévinas (2009) postula que tanto o drama erótico quanto o drama inter-humano (*agapeico*) encontram-se ambos nas profundidades do ser humano, sendo este mais profundo que aquele; o *ágape* carrega/guia *eros* na indissociabilidade do amor; o “*eros* supõe o rosto” (Lévinas, 2009, p. 101).

A violência no pensamento do filósofo judeu surge quando a alteridade é reduzida ao eu, o que aniquila sua diferença radical, sua humanidade (Lévinas, 1980). Isto se dá pela via da representação, do conhecimento, que objetifica e compara aquele/a que é inobjetivável e incomparável, colocando o outro em categorias conceituais, como na classificação diagnóstica psiquiátrica, totalizando o outro segundo os parâmetros do eu, do ser. Tal totalização, segundo o pensador franco-lituano, está na base das diversas formas de totalitarismos perpetrados contra a alteridade.

Passemos agora às éticas comunitária e da libertação, propostas pelo filósofo argentino, Enrique Dussel. Dussel teve grande parte do seu pensamento influenciado por Emmanuel Lévinas. Contudo, ele propõe uma leitura diferenciada para a ética da alteridade na tentativa de torná-la mais concreta, ainda que o outro em Lévinas tenha uma existência concreta, como o próximo que aparece à minha frente. Dussel (2002) propõe que compreendamos o eu e o outro enquanto coletividades, enquanto um povo. O eu, segundo o pensador argentino, corresponde a todas aquelas pessoas que pertencem ao sistema, que ocupam um lugar privilegiado, de poder, e o outro a todas aquelas pessoas que estão fora do sistema. Portanto, há uma relação em Dussel mediada pela representação, diferentemente dos encontros face a face levinasianos, em que todos/as aqueles/as que são representados/as como semelhantes situam-se dentro do sistema, do ser; e todos/as aqueles/as representados/as como diferentes e

pertencentes a uma exterioridade radical situam-se fora do sistema, como o não-ser, o nada.

Em sua filosofia da libertação (latino-americana), Dussel (2002) representa, portanto, o eu como o europeu colonizador, como a racionalidade europeia dominante, e o outro como o colonizado, os povos originários das Américas, Ásia e África. Podemos dizer que o filósofo foi um dos pioneiros no modo de produzir conhecimento que possibilitou o surgimento dos chamados estudos decoloniais/epistemologias do Sul. Nesse sentido, de acordo com a visão moderna eurocêntrica vigente, o ideal de humano corresponde ao homem branco, da classe média burguesa, cis-heterossexual e racional – entendendo racional relacionado à racionalidade europeia, marcada por uma lógica dedutiva e pela razão instrumental (Horkheimer, 1983), utilizada para dominar e explorar o outro ser humano, a natureza. Por sua vez, todas as pessoas que não correspondem a esse ideal, como as mulheres, as minorias étnicas, como os povos originários, a população negra, as pessoas LGBTQIA+ e as pessoas com alguma deficiência, como as pessoas autistas ou com outras neurodivergências (que não preenchem o ideário europeu de racionalidade, cujas nomenclaturas resultam da produção eurocêntrica moderna do binômio normalidade/anormalidade), trilham um caminho abaixo da humanidade, isto é, da subumanidade.

Todas essas pessoas são designadas por Dussel (2002) como vítimas do sistema, tendo suas vidas e humanidade negadas, situando-se em uma zona de invisibilidade e ininteligibilidade (Butler, 2019). É importante ressaltarmos que as pessoas com deficiência ou com sofrimento mental grave, como aquelas que designamos, segundo o contexto etnopsiquiátrico ocidental, com esquizofrenia, costumam ser geralmente esquecidas mesmo pela filosofia da libertação e pelos estudos decoloniais, sendo, portanto, o outro do outro, os excluídos dentre os excluídos (Oliveira; Oliveira, 2023).

Uma das possibilidades de libertação das vítimas do sistema, além dos movimentos sociais e da produção de conhecimento que buscam a transformação social, está na relação entre a ética comunitária e a ética da libertação. Dussel (1986), em sua obra *Ética comunitária*, trata do cristianismo primitivo, das relações

comunitárias das primeiras comunidades cristãs, que assim como as sociedades indígenas, e diferentemente da ética eurocêntrica, constituíam uma ética de afirmação da vida. O filósofo da libertação afirma então que a base de uma relação pessoa-pessoa, como nos encontros face a face em Lévinas, e não relação pessoa-objeto, é o amor *ágape*, no qual o outro é visto e reconhecido como outro, em sua unicidade e incomparabilidade, com seu valor imensurável e dignidade inalienável, e não tomado como meio para servir aos interesses do eu. É nesta relação de amor, que consiste em uma relação comunitária, fraterna e de comunhão com o outro, que é possível humanizar aquele/a que teve sua humanidade negada pelo sistema e devolver a visibilidade/inteligibilidade àquele/a que fora colocado/a em uma zona de ininteligibilidade.

O *ágape* é “amor”, mas um amor muito especial. Não é amor a si mesmo, é amor ao outro como outro, por ele mesmo e não por mim, com “respeito-de-justiça” a sua pessoa enquanto sagrada, santa. De modo que a autêntica relação entre as pessoas como pessoas é de amor, mas “amor-de-justiça” ou *ágape* [...] O amor ao outro como outro é encanto, beleza, bondade santidade, dom [...] dom de si mesmo, entrega, opção sem retorno (Dussel, 1986, p. 20).

Desse modo, na Oficina de Música o que buscamos é justamente isto: reconhecer a criança e a/o adolescente como uma pessoa, com seu valor intrínseco e dignidade inalienável, como única/o, insubstituível e incomparável, outro como outro, irreduzível a qualquer conceito ou representação, irreduzível em última instância à categoria diagnóstica. O outro não é o diagnóstico, como tem sido tomado na maior parte das relações que se estabelece no contexto social contemporâneo; o outro brilha, irradiando luz enquanto vestígio do *Infinito* em seu rosto irrepresentável. É dessa maneira que acreditamos poder afirmar a vida de cada criança e cada adolescente participante do Projeto, fazendo circular a vida, liberando as forças da vida, libertando aquele e aquela marginalizado/a pelo sistema discursivo dominante. Trata-se de uma clínica estética, fundamentada na arte, mas, sobretudo, de uma clínica ético-política.

relatos de experiências discentes

Os relatos de experiências discentes acerca da Oficina de Música foram divididos em dois eixos temáticos previamente construídos: impacto sobre a



formação discente e percepção sobre a dimensão clínica e ética da ação extensionista. As dimensões clínica e ética do Projeto foram agrupadas em conjunto por entendermos que os efeitos de uma se entrelaçam aos efeitos da outra.

impacto sobre a formação discente

Este eixo temático foi dividido em duas categorias de análise após o emprego do método da análise de conteúdo: impacto transformador da práxis da Oficina e modelo biomédico e pensamento crítico.

4.1.1. impacto transformador da práxis da Oficina

Esta categoria de análise diz respeito ao impacto positivo e transformador da práxis da Oficina de Música com relação ao modo de pensar e agir predominantes no curso de medicina, havendo uma relação intrínseca deste impacto com os referenciais teóricos trabalhados nos diversos encontros do Grupo de Estudos. A Oficina de Música jamais pode ser pensada de uma forma em que prática e teoria se encontrem desarticuladas, mas sim como uma práxis, em que há uma interpenetração entre ambas as dimensões. A prática da atividade estimula os estudos e o aprofundamento teórico, e este reincide reiteradamente sobre a prática clínica. Seguem abaixo as narrativas dos/as discentes.

A Oficina de Música tem sido uma experiência extremamente transformadora para mim, não só como estudante, mas como pessoa, sobretudo neste final de faculdade [...] os encontros semanais na oficina e nos atendimentos estão ampliando ainda mais a minha visão da diversidade humana e, cada vez mais, tenho a certeza de o quanto uma prática médica centrada apenas em doenças é extremamente cruel para as pessoas, uma vez que torna patológicos comportamentos, culturas e formas de existência [...]. No grupo de estudos, conheci autores e conteúdos teóricos que estão sendo essenciais para o meu desenvolvimento filosófico, como Michel Henry, Emmanuel Lévinas, Enrique Dussel, Thomas Szasz, entre outros, os quais me auxiliam, cada vez mais, a questionar o conceito de “normalidade” vigente e a desenvolver um pensamento crítico sobre a lógica que mecaniza pessoas e torna a sociedade adoecida (Lissa, estagiária bolsista, discente de medicina e autora 2).

O referencial teórico de Emmanuel Lévinas, o qual foi lido e discutido em um dos encontros do Grupo de Estudos em Humanidades, Fenomenologia e Clínica (GEHFeC), aponta para a

direção de uma vivência focada no outro e no encontro com o outro, sem defini-lo, pois defini-lo é limitá-lo de ser todo seu potencial. Buscamos a espontaneidade do encontro entre o eu-outro, que ocorre por meio da música, ou nos intervalos da mesma. Dessa forma, a Oficina tem acrescentado em minha formação com discussões que auxiliam no conhecimento teórico técnico acerca da neurodiversidade, principalmente referente ao autismo; mas também no pensamento crítico acerca dos problemas de saúde mental (Danielle, estagiária bolsista, discente de medicina e autora 3).

Ao participar pela primeira vez da oficina, eu carregava a expectativa de “vestir o jaleco” e assumir um papel de autoridade, uma vez que a conduta de “mostrar serviço” é normalmente cobrada nos estágios de medicina. A conduta paternalista, que coloca o médico hierarquicamente no topo, já é subconscientemente ensinada desde a graduação, fazendo com que muitos alunos tenham que se adaptar a esse papel nos estágios e experiências práticas. Contudo, essa expectativa foi rapidamente desconstruída ao vivenciar as relações horizontais entre todos os participantes. Essa experiência de igualdade e inclusão foi extremamente proveitosa para a minha formação, permitindo-me entender a importância de um ambiente de cuidado sem hierarquias rígidas, onde cada voz é valorizada igualmente [...] para mim, pessoalmente, a oficina representa também um momento de relaxamento e construção de confiança em que papel devo assumir dentro do exercício da Medicina [...] havia momentos em que me sentia mais como paciente do que como aluna-estagiária. Essa sensação de estar do “outro lado” da dinâmica me ajudou a compreender ainda mais profundamente a união e o apoio mútuo que caracterizam esses encontros e o quanto esse tipo de cuidado se faz necessário para aliviar os sofrimentos da vida. Em resumo, participar dessas oficinas tem sido uma experiência transformadora [...] essas experiências fortaleceram ainda mais minha convicção de seguir na área de psiquiatria, desejando continuar proporcionando e participando de encontros e conexões como os descritos (Ana Carolina, estagiária voluntária de medicina, autora 4).

Estudar as bases conceituais, políticas e culturais do que é doença mental – ou, como diria Szasz, o mito da doença mental – foi um marco na minha formação médica psiquiátrica. Ter a oportunidade de olhar para o papel do médico psiquiatra como alguém que ajuda nos problemas da vida do outro humaniza mais a minha futura atuação médica [...] os artigos que questionavam o padrão de normalidade me possibilitaram, na prática, perceber como estamos alimentando e produzindo padrões que excluem, deixando de fora aqueles que não se adequam aos nossos limites (Lucas, estagiário de medicina, que passou pelo Projeto durante o internato eletivo em psiquiatria infantil, autor 5).

Embora o referencial do psiquiatra húngaro Thomas Szasz, um dos ícones do movimento da antipsiquiatria, não tenha sido utilizado neste artigo, nós trabalhamos este conteúdo em encontros do Grupo de Estudos – mais especificamente a obra *O mito da doença mental* (Szasz, 1979). A crítica do autor vai ao encontro da concepção que adotamos acerca do autismo, das neurodivergências e deficiências em geral, de que não se tratam de doenças, mas sim de diferenças e modos de ser, e os problemas relacionados a tais modos de ser em sua relação com a sociedade são, na verdade, problemas da vida.

Portanto, tem sido muito proveitoso participar da oficina e acompanhar os pacientes, aprendo com o professor, com as outras estagiárias, com as responsáveis e com os próprios pacientes, é uma troca muito rica e que tem me transformado como estudante de enfermagem e como pessoa (Anna Beatriz, estagiária voluntária, discente de enfermagem e autora 6).

4.1.2. modelo biomédico e pensamento crítico

Nas narrativas que se seguem, podemos ver como o Projeto tem possibilitado às/aos discentes participantes construir um pensamento crítico sobre as noções de autismo, deficiência e neurodivergência em geral, e sobretudo uma visão crítica em relação ao modelo biomédico dominante na medicina/psiquiatria contemporânea e o quanto este modelo resulta em uma compreensão reducionista do ser humano e dos problemas de saúde mental em geral. Além disto, é possível perceber como a Oficina de Música oferece uma abordagem de caráter integral, que se contrapõe à visão biomédica tradicional.

Durante a graduação eu sempre percebi e questioneei o quanto a formação médica ainda é extremamente pautada no modelo biomédico, o que distancia profissionais de uma visão mais integral do cuidado em saúde. Embora a Integralidade seja um dos princípios do Sistema Único de Saúde, o que percebo é que, ao longo dos anos de curso e carreira, é perceptível o quanto o nível de empatia de estudantes e profissionais vai diminuindo e dando lugar a uma visão cada vez mais produtivista [...] no projeto, aprendo justamente a questionar essa visão “patologizante” em relação à neurodiversidade e psiquiatria, uma reflexão que o curso nunca me estimulou a pensar. Na faculdade, aprendemos apenas sobre como classificar e diagnosticar, utilizando o Manual de Classificação e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças (CID), algo que é extremamente reducionista para as pessoas (Lissa).

Eu, como estudante do curso de medicina, percebo dentro da formação uma abordagem amplamente biologicista das especialidades, muitas vezes com uma carga excessiva de conteúdos a serem estudados, sendo essas matérias técnicas voltadas para cada especialidade. No meio dessa corrida de aprendizagem, pouco se pensa criticamente sobre o que é abordado. Acredito que o projeto tem colaborado com um pensamento crítico sobre os desdobramentos da psiquiatria em geral, e mais especificamente sobre a questão da neurodiversidade, além de oferecer reflexões filosóficas [...] que dão suporte à realização da prática em saúde [...] percebo que por muito tempo não colocamos o outro como centro de nossas ações, temos a tendência moderna-colonialista e capitalista de praticar saúde como um produto, pensando na moeda de troca, em nós como os ganhadores finais da remuneração. Entretanto, assim, muitas barbáries foram cometidas; assim, os manicômios perduraram quase um século; assim, pessoas foram julgadas pelas suas diferenças, ou ainda, lobotomizadas; ou ainda assim, consultas duram 15 minutos, e muito se gasta com medicamentos (Danielle).

Enquanto alguém que deseja ser psiquiatra, me preocupava como ser médico em uma área em que os tratamentos medicamentosos apresentam tão pouco sucesso. Creio que deva ser muito difícil não se sentir incapaz e frustrado com a psiquiatria quando esta está centrada em seu modelo biomédico. Todavia, perceber que é possível traçar novos olhares e perspectivas sobre o outro [...], colocando em xeque as noções de normalidade, e questionando-se qual a finalidade dos diagnósticos pode ser - e é - como uma luz no túnel dos desesperados (Lucas).

percepção sobre a dimensão clínica e ética da ação extensionista

Este segundo eixo temático contém as seguintes categorias de análise: arte, acolhimento e potencial terapêutico; pessoas que não cabem em um diagnóstico; e uma clínica ético-política. A divisão se deu em função da própria proposta do eixo temático e de, muitas vezes, ser difícil separar o que pertence a uma ou outra dimensão. Como poderá ser verificado, a maior parte dos relatos se enquadram justamente nessa sobreposição.

4.2.1. arte, acolhimento e potencial terapêutico

Esta categoria diz respeito à percepção das/os discentes sobre os efeitos terapêuticos da ação extensionista.

É possível observar a construção de vínculos entre participantes do projeto, e esse ambiente acolhedor proporciona a expressividade emocional não só para os pacientes, mas também para seus

familiares, as estagiárias, o professor e também para visitantes. Trata-se, portanto, de um encontro com valor terapêutico para todas as pessoas envolvidas (Lissa).

[...] Somado a isso, percebia o potencial terapêutico da arte (Lucas).

Acredito no potencial terapêutico dos encontros, que acontece na construção de espaços de acolhimento e que proporcionam a possibilidade de conexão e criação. Na oficina, os participantes adolescentes escolhem seus instrumentos e escolhem uma música de sua preferência, a qual é cantada por todos, inclusive os familiares. Sinto que esse é um momento de conexão, onde todos estão focados em fazer a música acontecer. Reparo muitas vezes nas expressões e nos olhares, percebo que a maioria dos adolescentes estão concentrados e se esforçam para tocar no ritmo da música, o que de fato acontece, pois muitos dos adolescentes tem facilidade com o ritmo. Com as crianças o formato é mais livre, geralmente com cantigas de roda improvisadas, em que elas escolhem e vão trocando de instrumento. Ao longo da oficina, algumas delas correm pelo espaço do palco, brincam, vem até nós e logo saem em busca de outras descobertas. Outras ficam mais quietas, preferem mais o canto do palco, mas mesmo assim há uma interação com as outras crianças ou com os discentes, fortalecendo laços e a possibilidade da interação social. Eu acredito que nesses 50 minutos ocorrem encontros e conexões, sejam entre as pessoas presentes, com o espaço, os instrumentos e/ou a música. Nesse sentido, é um local de acolhimento e de criação, onde a expressão é livre e recebe retorno e incentivo. Fazendo, portanto, do encontro uma potência terapêutica, pelo conforto que os participantes têm no espaço e nas pessoas presentes, pela liberdade de criar e expressar sentimentos e afetos (Danielle).

Nessas sessões, não há um roteiro rígido; a música é utilizada como um meio de expressão e comunicação espontânea, permitindo que todos interajam livremente e explorem instrumentos musicais e sons de forma colaborativa. Dessa forma, os dois grupos têm seu próprio repertório musical de preferência e sua dinâmica própria de funcionamento, fazendo com que a experiência em cada um dos grupos seja única [...] a oficina promove o fortalecimento dos laços familiares e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais das crianças e adolescentes [...]. O contato direto e o compartilhamento de experiências e narrativas proporcionam suporte mútuo, contribuindo para o bem-estar geral do grupo. A música, nesse contexto, atua como um canal facilitador de expressão e interação, promovendo um ambiente de aceitação e compreensão. Além disso, a oficina é um momento proveitoso para a interação entre os pacientes e seus cuidadores. Esse espaço permite que ambos se conectem de maneiras novas e significativas, oferecendo um respiro na rotina intensa dos cuidadores, que também encontram ali um momento de relaxamento e alívio do estresse. É visível o

engajamento dos pais dos participantes na dinâmica, principalmente no grupo dos adolescentes, e o quanto essa interação é proveitosa para a formação de novos laços [...]. A cada sessão, vejo a evolução dos participantes e a força das conexões criadas, o que reforça a relevância desse trabalho no contexto médico e educacional (Ana Carolina).

A Oficina de música se baseia no cuidado e no acolhimento a pessoas autistas ou com outras neurodiversidades. Nesse projeto, o essencial é criar vínculos uns com os outros [...] conseguimos perceber a melhora dos pacientes, a maior interação entre eles, as responsáveis e estagiárias, a diminuição da hipersensibilidade sonora (Anna Beatriz).

4.2.2. pessoas que não cabem em um diagnóstico

Nesta categoria, agrupamos as narrativas que se referem principalmente à dimensão ética do Projeto.

Embora muitas vezes o laudo diagnóstico seja importante para a aquisição de direitos, é de extrema importância estar aprendendo a enxergar as pessoas além de um diagnóstico, percebendo a beleza nas diversas formas de ser e, com isso, estimulando as potencialidades e empoderando as formas de existências das crianças e dos adolescentes participantes da oficina (Lissa).

É notável que os participantes não são vistos apenas como diagnósticos, mas sim por suas necessidades e características individuais. O que menos importa na prática da oficina é o rótulo clínico; cada um é valorizado por sua singularidade, o que enriquece ainda mais a experiência (Ana Carolina).

Na oficina de música para jovens com neurodivergência, percebia a mudança no meu olhar para o outro à medida que entendia o fracasso da visão que percebia o autismo como doença. Olhar para eles como indivíduos que não estavam intrinsecamente sofrendo por conta do transtorno autista, permitiu-me entender melhor uma nova forma de ser no mundo [...] é absolutamente deplorável e doloroso imaginar que esses adolescentes e jovens que aqui, com tanta alegria e vida tocam e cantam sobre esperança e um futuro, se estivessem na Alemanha nazista seriam os primeiros a terem suas vidas interrompidas por uma simples razão: estar fora da norma. Seus comportamentos repetitivos, suas vocalizações por vezes dissociadas da nossa realidade, suas dificuldades em se relacionar com o outro os tornariam bárbaros (Lucas).

4.2.3. uma clínica ético-política

Nesta categoria, agrupamos narrativas relacionadas à sobreposição entre as dimensões ética e clínica do Projeto.



Os pacientes possuem a liberdade de serem quem são, sem os julgamentos ou olhares de reprovação que encontram na sociedade e que, muitas vezes, é marcante para eles e suas famílias. Com isso, é nítido o quanto as mães e pais vão conseguindo se soltar e ficarem mais leves, pois sabem que não precisam ficar vigiando os comportamentos de seus filhos e, assim, também conseguem participar cantando e conversando. Além disso, é interessante observar também o quanto a valorização de cada paciente traz um empoderamento para a vida de cada criança e de cada adolescente, pois é permitido que se expressem e sejam respeitados por quem são (Lissa).

Como a música é uma ferramenta que transpassa a terapia em si, sendo um lugar de reafirmação da própria identidade e humanidade, a arte traz vida à vida, renova a esperança, dá sentido e acalma as tempestades da alma. E eu, que tantas vezes me encontro acelerado em meio a tantas demandas, posso apenas me acalmar e me deleitar na certeza de que a vida é muito mais do que o que produzimos, mais do que os caminhos acadêmicos que almejamos traçar, mais do que diplomas e uma boa situação financeira. Ali, naquela sala, todos parecem estar só cantando, tocando, e se permitindo ser tocado pela arte. Eu e os “pacientes”, estamos ali, independentemente do diagnóstico que eles tenham recebido, no mesmo lugar: no clube das humanidades (Lucas).

Fazendo, portanto, do encontro uma potência terapêutica [...] pela criação de um grupo de pertencimento, possibilitando, assim, relações éticas humanizadoras [...]. Levando em consideração a potência dos encontros baseados na alteridade, a não definição/classificação do outro e a responsabilidade originária entre nós seres que habitamos o mesmo espaço-tempo, e assim convivemos; podemos pensar a forma de fazer saúde de outra maneira, focando o outro e as suas reais necessidades (Danielle).

Assim, com a oficina, eu pude aprender como funciona, para além da teoria, um atendimento humanizado e integral, que prioriza aspectos como a história do paciente, quem é a sua família, conhecê-lo pelo nome, ter um vínculo, de fato (Anna Beatriz).

conclusão

Buscamos apresentar e trabalhar neste artigo as dimensões clínica, ética e formativa do Projeto de Extensão universitária intitulado Oficina de música dialógica: autismo e outras neurodivergências. Pudemos mostrar que a dimensão clínica se refere muito mais à livre expressão de cada participante, de sua subjetividade, de seu *pathos* originário, do seu modo de ser, que propriamente a qualquer tentativa de normalização e enquadramento dos comportamentos das

crianças e adolescentes às normas sociais vigentes, como normalmente temos visto na clínica contemporânea, seja no caso do autismo, seja das demais condições que nomeamos como neurodiversidades/neurodivergências.

Com relação à dimensão ética, pudemos mostrar neste artigo a centralidade que ela ocupa em nossa ação extensionista. Reconhecemos cada pessoa participante do Projeto – sejam as crianças, os/as adolescentes, sejam os/as familiares ou os/as demais integrantes – como única, insubstituível, de valor intrínseco e imensurável e dignidade inalienável. Buscamos não reduzir a alteridade, em sua diferença radical, ao eu, a categorias conceituais ou a meros sistemas de classificação.

Pudemos mostrar ainda, com os relatos de experiência feitos pelas/os discentes participantes, como as dimensões clínica e ética da ação extensionista têm impactado sua formação, além da intrínseca interpenetração entre ambas as dimensões; como o Projeto tem possibilitado a construção de um pensamento crítico acerca da diferença e do que nossa cultura designa por deficiências e, sobretudo, a construção de uma visão crítica acerca do paradigma biomédico dominante tanto na prática médica contemporânea quanto na formação acadêmica – visão crítica que possibilita às/aos discentes perceberem não apenas os efeitos positivos deste paradigma, mas também seus impactos negativos, sobretudo no campo da psiquiatria/saúde mental. Além do olhar crítico, os referenciais trabalhados têm oferecido a possibilidade de se enxergar o ser humano, em suas diferenças e singularidades, sob um novo prisma – não reducionista e afirmativo do valor e dignidade de cada um/a – bem como enxergar outras possibilidades de se fazer clínica, em contraposição à clínica mercantilista, individualista e biologicista do status quo.

Concluindo o presente artigo, pudemos mostrar o quanto a Oficina de Música tem buscado se consolidar como uma práxis que possibilita a liberação e a circulação das forças da vida; uma práxis de afirmação da vida, em suas múltiplas formas, em sua diversidade, sobretudo para aquelas pessoas que historicamente tiveram e continuam tendo suas vidas negadas, invisibilizadas e tornadas



ininteligíveis pelo sistema – de produção econômica/discursiva – dominante.
Práxis comunitária de libertação!

agradecimentos

Agradecemos à Proex-UFF, Pró-reitoria de Extensão Universitária da Universidade Federal Fluminense, pelo apoio concedido.

referências

- American Psychiatric Association. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5). Porto Alegre: Artmed, 2014.
- Armstrong, T. *Neurodiversity in the classroom: Strength-based strategies to help students with special needs succeed in school and life*. New York: Kindle, 2012.
- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- Butler, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1, 2019.
- CDPD. *Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência*. Ministério Público do Trabalho. Vitória: Projeto PCD Legal, 2007/2014.
- Diniz, D. *O que é deficiência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.
- Dussel, E. *Ética comunitária*. Tradução Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Dussel, E. *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FORPROEX. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus: Imprensa Universitária, 2012.
- Gadit, A. A. Ethnopsychiatry: a review. *Journal of Pakistan Medical Association*, v. 53, n. 10, p. 483-490, 2003.
- Gaines, A. D. Ethnopsychiatry: The Cultural Construction of Psychiatries. In: Gaines, A. D. (Org.). *Ethnopsychiatry: The cultural construction of professional and folk psychiatries*. Albany, NY: State University of New York Press, 1992. p. 3-49.
- Goodley, D. Autism and the Human. In: Runswick-Cole, K.; Mallet, R.; Timimi, S. (Orgs.). *Rethinking Autism: diagnosis, identity and equality*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2016. p. 146-158.
- Henry, M. *A barbárie*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.
- Henry, M. Desenhar a música – teoria sobre a arte de Briesen. In: Antúñez, A. E. A. (Org.). *Cadernos I: Círculo fenomenológico da vida e da clínica*. São Paulo: IPUSP, 2018. p. 199-222.
- Henry, M. *Fenomenología Material*. Tradução Javier Teixeira e Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.
- Henry, M. *La esencia de la manifestación*. Tradução Mercedes Huarte Luxán e Miguel García-Baró. Salamanca: Sígueme, 2015.
- Horkheimer, M. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- Krenak, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Cia. Letras, 2020.
- Lévinas, E. *Totalidade e Infinito*. Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.
- Lévinas, E. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Tradução José Luís Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- Lévinas, E. *Entre nosotros: Ensayo para pensar en outro*. Pre-Textos Editores, 1993.
- Lévinas, E. *Humanismo do Outro Homem*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

- Luz Neto, R. G. Corporeidades insurgentes: decolonizando corpos e “Deficiências”, *International Journal of Development Research*, v. 12, n. 8, p. 58334-58338, 2022.
- Malloch, S.; Trevarthen, C. *Musicality: Communicating the vitality and interests of life*. In: Malloch, S.; Trevarthen, C. (Orgs.). *Communicative Musicality: exploring basis of human companionship*. Oxford University Press, 2009.
- Mcguire, A. Life without autism: a cultural logic of violence. In: Runswick-Cole, K.; Mallet, R.; Timimit, S. (Orgs.). *Rethinking Autism: diagnosis, identity and equality*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2016. p. 93-109.
- Oliveira, S. M. O amor em Kierkegaard e Lévinas: abertura ao humano e a vidas vulneráveis. *Caminhos*, v. 19, p. 156-175, 2021.
- Oliveira, S. M. *et al.* Música, autismo e diferenças: a representação como violência em Lévinas e Deleuze. *childhood & philosophy*, v. 17, p. 1-18, 2021.
- Oliveira, S. M. Diagnóstico psiquiátrico, essencialismo e barbárie: considerações a partir da fenomenologia da vida. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 23, n. 3, p. 133-154, 2023a.
- Oliveira, S. M. Oficina de Música para pessoas autistas: sensibilidade, estética e espiritualidade como resistência. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 33 n. esp., p. 154-166, 2023b.
- Oliveira, S. M.; Lampreia, C. Intervenção no autismo baseada na musicoterapia de improvisação e no modelo DIR-Floortime. *Revista InCantare*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 67-86, 2017.
- Oliveira, W. M. M.; Oliveira, I. A. Rupturas com a colonialidade do ser deficiente: por uma pedagogia decolonial anticapacitista nos preceitos de Paulo Freire. *Interritórios*, v. 9, n. 18, e258979, 2023.
- Ortega, F. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *MANA*, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008.
- Pereira, A. O fascismo como redução transcendental do humano e a sua superação pelo amor, em Michel Henry. *Estudos Teológicos*, v. 63, n. 1, p. 52-62, 2023.
- Szasz, T. *O mito da doença mental*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

submetido: 06.07.2024

aprovado: 16.09.2024